

## **A propaganda antigrega em alguns escritos judaicos do Segundo Templo: decompondo o mito helenístico<sup>1</sup>**

Vicente Dobroruka<sup>2</sup>

Mestre em História (PUC-RJ)

Professor de História Antiga, Universidade de Brasília

Dentre os temas de história geral com os quais o cidadão comum ocidental está mais familiarizado, o do universalismo humanista e benévolo dos gregos é talvez o mais comum. Educamos as gerações futuras no classicismo da Grécia pelas lentes com que se enxergou seu papel no desenvolvimento do cristianismo.

Além da Atenas do séc.V a.C. ser o modelo de convivência democrática, ética e esteticamente perfeita, o outro elemento constitutivo no tema da tolerância universalista helenística (vulgarmente percebida como expansão geográfica da inteligência ateniense) é a própria figura de Alexandre o Grande; a historiografia parece ainda hoje, conscientemente ou não, evocar as imagens de Gustav Droysen.

Com Plutarco o conquistador macedônio passa a ser visto como um missionário benévolo que fez o favor de arrancar o Oriente de seu entorpecimento oriental e dar-lhe, de modo tão pouco sangrento quanto possível, as bênçãos da Grécia<sup>3</sup>. Mas o caráter denso e ambíguo das relações entre gregos e judeus é melhor demonstrado pela “invenção” de Josefo, segundo a qual Alexandre não apenas deixou Jerusalém intacta, mas chegou mesmo a visitá-la<sup>4</sup>. Este artigo pretende apenas estudar alguns casos constantes da literatura do Antigo Testamento e do período intertestamentário em que essas bênçãos são

---

<sup>1</sup> Para as citações bíblicas, foram utilizadas as seguintes edições: *Bíblia de Jerusalém* (São Paulo: Paulinas, 1986) para os textos canônicos; a *Revised Standard Edition* para 3 e 4Mc (utilizada a partir do CD-Rom *Bible Windows 5.1 32*, editado pela Silver Mountain Software, 1993-1997); James Charlesworth. *The Old Testament Pseudepigrapha*. New York: Doubleday, 1983-1985 (2 vols.) e Alejandro Díez Macho. *Apócrifos del Antiguo Testamento*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1984 (5 vols.) para 3Mc, apócrifos e pseudepígrafos em geral. Todas as referências foram cotejadas com os textos originais da LXX (Alfred Rahlfs (ed.). *Septuaginta*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979) ou do TM (texto massorético – K.Elliger e W.Rudolph (eds.). *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1977), quando necessário. Para a obra de Flávio Josefo foi utilizada a edição organizada por Henry St.John Thackeray et alii. *The Complete Works of Flavius Josephus*. 10 vols. Cambridge/London: Loeb Classical Library, 1928-1998.

<sup>2</sup> Este trabalho foi primeiramente apresentado em sessão de comunicações coordenada pelo autor na XI Reunião da SBEC (Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos), em Araraquara, do dia 8 de outubro de 1999 e publicado em *Historiama - revista eletrônica de história*. Porto Alegre, julho/2000.

<sup>3</sup> Plutarco. *De fortuna aut virtute Alexandri Magni*. Cit. por Martin Hengel. *Jews, Greeks and Barbarians*. Philadelphia: Fortress Press, 1980. P.52.

<sup>4</sup> Josefo. *Antigüidades judaicas*. 11.329-340.

rejeitadas e a civilização grega, anatematizada – e devo fazê-lo de modo tão cauteloso quanto possível, dada a complexidade das relações entre gregos e judeus.

Cabe ainda ressaltar que este artigo não abrange a propaganda anti-helênica constante do judaísmo rabínico, que teve relação não menos ambígua com a cultura grega, nem trata da percepção dos judeus pelos gentios<sup>5</sup>. Igualmente, procurei estabelecer de modo tão claro quanto possível a distinção entre dois canais pelos quais se escoava a propaganda antigrega; em primeiro lugar como repulsa aos costumes helênicos, e numa outra vertente, através de uma reflexão mais sistemática sobre a história, na qual a Grécia é percebida como intrinsecamente maligna, independentemente dos hábitos ou atitudes dos gregos. Sequer se pode dizer que a segunda vertente se apóia por completo na primeira, já que os mitos de impérios sucessivos antecedem de muito a ascensão macedônica no Oriente Próximo<sup>6</sup>.

Que a conquista de Alexandre nada teve de benévola já sabemos; restam as questões do volume e intensidade da helenização no Oriente, já bem sintetizadas por Arnaldo Momigliano<sup>7</sup>. De todo modo, fora dos currículos escolares já não é possível levar a sério a perspectiva de uma vasta “tintura” helenizante cobrindo o Oriente com as cores da racionalidade grega. Pelo contrário, há quem argumente que a helenização não passou da fundação de cidades aqui e ali, ilhas gregas perdidas num mar hostil, habitadas por elites helenizantes odiadas pelas populações que governam.

Antes de tratarmos do tema específico deste artigo, recordemos apenas três textos apocalípticos não-judaicos que são, todos, inequivocamente anti-helênicos e prometem a vitória final das culturas que os geraram sobre os opressores gregos - o *Oráculo de Hystaspes* (persa), a *Crônica demótica* e o *Oráculo do oleiro*, ambos egípcios<sup>8</sup>. Todo o

---

<sup>5</sup> Para esse último tema, cf. a obra de referência de Menahem Stern. *Greek and Latin Authors on Jews and Judaism*. Volume One. Jerusalém: The Israel Academy of Sciences and the Humanities, 1974 ou, para uma abordagem mais recente das atitudes relativas aos judeus na Antigüidade Clássica, cf. Peter Schäfer. *Judeophobia. Attitudes toward the Jews in the Ancient World*. Cambridge/ London: Harvard University Press, 1997.

<sup>6</sup> Arnaldo Momigliano. *Essays in Ancient and Modern Historiography*. Middletown: Wesleyan University Press, 1987. P.186 ss.

<sup>7</sup> Poderíamos citar outros, mas como obra de síntese, seu trabalho ainda me parece insuperável. Cf. *Os limites da helenização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

<sup>8</sup> Norman Cohn. *Cosmos, Chaos and the World to Come. The Ancient Roots of Apocalyptic Faith*. New Haven/London: Yale University Press, 1993. P.166. Para Cohn, havia uma longa tradição de ressentimento contra o domínio romano bem estabelecida no mundo helenístico, na qual o recurso a personagens míticos é o modo pelo qual os povos dominados procuravam influenciar um presente que não tinham, de momento, como controlar. Cf. ainda John J. Collins. “Persian Apocalypses” in: *Semeia 14: Apocalypse: The Morphology of a Genre*. Missoula: Scholars Press, 1979 e o trabalho já antigo mas ainda relevante de Hans Windisch. *Die Orakel des Hystaspes*. Amsterdam: Koninklijke Akademie van Wetenschappen, 1929.

exposto acima conduz a uma pergunta de cunho mais genérico: o que gregos e romanos consideravam um benefício, ainda pode ser entendido como tal quando imposto à força?<sup>9</sup>

A conquista grega da Palestina, em 331 a.C., deixou a região intocada, mas as guerras dos Diádocos se encarregariam de causar os danos que a invasão inicial não produzira. Em 301 Ptolomeu I conquista a Judéia, que permanecerá sob domínio ptolomaico até 198; a transição para os Lágidas deve ter sido relativamente branda para os judeus<sup>10</sup>, uma vez que não são freqüentes os anátemas contra os Lágidas no Antigo Testamento nem nos pseudepígrafos - não diz a lenda que a LXX foi mandada compilar por Ptolomeu II Filadelfo?<sup>11</sup> Obviamente, devemos excetuar as passagens de 3Mc 1:10 e ss.; 2:25; 30, que tratam do episódio nefasto em que Ptolomeu IV Filopátor (221-204 a.C.) teria tentado penetrar no Sagrado dos Sagrados do Templo em Jerusalém; no entanto, o episódio parece inverídico, sendo mais provável que se trate aqui de uma representação no passado de problemas mais imediatos com os romanos. A transformação do Egito em província romana logo após a batalha de Actium (31 a.C.) parece ter colocado a comunidade judaica local em graves riscos; outros elementos presentes noutras histórias judaicas assemelhadas reforçam a idéia de que o autor de 3Mc, mais do que escrever um relato acerca de fatos reais, serviu-se de um enredo comum no Antigo Oriente Próximo<sup>12</sup>.

Em 198 a Judéia passa para as mãos dos Selêucidas, a dinastia reinante na Síria, Mesopotâmia e arredores. Logo depois, em 188, começam os problemas com os novos senhores: a derrota selêucida para Roma e a paz de Apaméia obrigaram Antíoco IV a pagar enorme indenização de guerra aos romanos, prejuízo que ele repassou a seus súditos. Em 167 explode a revolta aberta dos judeus contra Antíoco IV; é nesse contexto que tentarei esclarecer alguns pontos específicos da propaganda antigrega dos judeus. Sendo o tema por demais vasto, irei me ater apenas à literatura apocalíptica e aos livros dos Macabeus, deixando para tratar da propaganda anti-helenística na literatura rabínica em outra oportunidade.

---

<sup>9</sup> São significativas, nesse sentido, as reformas urbanísticas que Jasão tentou introduzir (como a efebria e o ginásio) pelas quais teria de pagar 150 talentos ao rei Antíoco Epifanes, à guisa de permissão. O compilador da obra de Jasão de Cirene narra indignado a tentativa de reforma. Cf. 2Mc 4:9.

<sup>10</sup> Momigliano, op.cit. p.78.

<sup>11</sup> *Carta de Aristéias*. 9 ss.

<sup>12</sup> Cf. Josefo. *Contra Apião*. 2.53-55; *Carta de Aristéias*, 3.12; 7.1 ss.; Est 2:21-23,3:19,8 para as intrigas palacianas e as acusações de deslealdade dos judeus para com as monarquias que os governam; e 2Mc 9:4 ss., quando a ousadia de Antíoco Epifanes, similar à de Ptolomeu, é punida por Deus. Cf. Moses Hadas. *The Third and Fourth Books of Maccabees*. New York: Harper & Brothers, 1953. Para os “temas comuns” que parecem compor um “banco de dados” na vida intelectual dos povos do Antigo Oriente Próximo, cf. Momigliano. *Essays in Ancient and Modern Historiography*, op.cit. pp.28, 33.

O judaísmo dos séculos que antecederam a era cristã era pouco mais que um rótulo comum que abrigava as mais variadas tendências, por nós conhecidas em maior ou menor grau - fariseus, saduceus, essênios, zelotes, enumerando apenas os que Josefo descreve. Existiam outros grupos mais obscuros como os sicários e os *hasidim*, dos quais sabemos pouco mais do que os nomes. Além dessa taxonomia teórica, podemos sobrepor-lhe outra geográfica - pois o judeu da Diáspora é um espécime distinto de seu assemelhado palestino, ainda que o futuro do judaísmo viesse a ser decidido em Jerusalém e não em Alexandria<sup>13</sup>. A obra de Fílon de Alexandria é o exemplo clássico dessa diferença, já que o tipo de especulação de que ele se ocupa dificilmente teria lugar em Jerusalém<sup>14</sup>.

Todavia, nem todos os judeus buscavam aproximar-se dos valores gregos motivados por curiosidade teórica - muitos deviam fazê-lo visando o próprio proveito. Jasão, o sumo sacerdote corrupto de 2Mc, é o exemplo clássico:<sup>15</sup> a história da dinastia asmonéia é, toda ela, o relato de uma aculturação aos valores gregos. Por outro lado, convém lembrar que a Revolta dos Macabeus originou-se, objetivamente, no assassinato de um judeu helenizante por alguém que hoje descreveríamos como “fundamentalista” - o sacerdote Matatias. Mesmo em sua dimensão mais intolerante, o judaísmo que emerge vitorioso da revolta anti-helênica não deixa de buscar compromissos diplomáticos com o mundo pagão: Licurgo é apresentado como um assemelhado a Moisés, Esparta é contactada em várias oportunidades para que apóie a revolta, Eupolemo, filho de João e neto de Accos, e Jasão filho de Eleazar, foram enviados a Roma e fizeram um discurso no Senado - aparentemente

---

<sup>13</sup> Arnaldo Momigliano. “A cultura grega e os judeus” in: Moses Finley (org.). *O legado da Grécia*. Brasília: EDUnB, 1998. P.370.

<sup>14</sup> David S. Russell. *The Method and Message of Jewish Apocalyptic*. Philadelphia: The Westminster Press, 1964. Pp.147-148 e 153. A idéia de uma alma separada do corpo, por exemplo, não se encontra no Antigo Testamento e é uma grande novidade trazida pelos apocalípticos (que servem-se com mais liberalidade de conceitos estrangeiros); “alma” como essência preexistente à vida humana surge em 2En 24:4-5, e é aparentemente a doutrina platônica que está presente no Eclo e em 4Mc. Os autores dessas considerações eram, provavelmente, judeus alexandrinos, que seguiam a ortodoxia helenística da região, distinta da Palestina. No 2Esd encontramos a doutrina oriental relativa à formação do homem a partir dos quatro elementos (ar, água, terra e fogo) já citada por Fílon. Há uma distinção essencial entre os enfoques judaico e grego quanto à natureza humana - para os judeus, ela é una; para os gregos, há um claro dualismo corpo/alma. As referências da apocalíptica judaica à esse tipo de ensinamento são escassas, mas não podem ser ignoradas, introduzindo assim mais um elemento complicador para o estudo das relações Grécia / mundo judaico.

<sup>15</sup> 2Mc 4:7-10; “Entrementes, tendo passado Seleuco à outra vida e assumindo o rei Antíoco, cognominado Epífanos, Jasão, irmão de Onias, começou a manobrar para obter o cargo de sumo sacerdote. Durante uma audiência, prometeu ao rei trezentos e sessenta talentos de prata e ainda, a serem deduzidos de uma renda não discriminada, mais oitenta talentos. Além disso empenhava-se em subscrever-lhe outros cento e cinquenta talentos, se lhe fosse dada permissão, pela autoridade real, de construir uma praça de esportes e uma efébia, [...] Obtido, assim, o consentimento do rei, ele, tão logo assumiu o poder, começou a fazer passar os seus irmãos de raça para o estilo de vida dos gregos”.

aplaudido, ainda que entendendo mal as instituições romanas<sup>16</sup>. Se os exemplos acima não bastarem, lembremos que 2Mc é uma crítica contundente ao helenismo, servindo-se da *koiné* como língua e seguindo o modelo historiográfico helenístico<sup>17</sup>.

Os judeus atingiram seus objetivos com a revolta dos Macabeus, já que, pela primeira vez proibidos de observar suas leis, retomam o culto e ainda obtêm uma independência de fato, que estender-se-á até a conquista da região por Pompeu em 63 a.C. (exceção feita, evidentemente, aos habitantes de Qumran).

Entre seus próprios súditos, os monarcas helenísticos nem sempre gozaram de grande prestígio: o tumulto generalizado das sucessões, exceção feita ao Egito, bem o atesta. O próprio Antíoco IV parece não ter sido muito popular entre os gregos: deu a si mesmo o título de Epífanês, “deus manifesto”, mas foi informalmente apelidado de Epímanês, “o louco”<sup>18</sup>. Agripa I, monarca do breve período de independência judaica sob Cláudio, foi perpetuado como rei benévolo e sensato<sup>19</sup>. Caso singular, Herodes terá a graça de receber dois epítetos distintos que correspondem à apreciação que dele fizeram súditos de origens diversas: será “Grande” para seus súditos helenizados, e “Ímpio” para os judeus tradicionalistas.

De João Hircano (134-104 a.C.) a Alexandre Janeu (103-76 a.C.), o território controlado pelos asmoneus não para de aumentar. Mas o judaísmo não era a religião predominante no Estado asmoneu, e o seu modelo de administração foi o grego. As sete pirâmides dos túmulos dos asmoneus em Modin já não existem mais; mas Petra dá uma idéia do que devem ter sido (talvez Nimrud Dag também, se não quanto à arquitetura, ao menos com relação ao gigantismo)<sup>20</sup>. A conquista romana reduz o território do Estado judeu às regiões onde estes são majoritários, desmembrando as demais: a Judéia permanecerá parcialmente grega pela imposição cultural helenística, mas após 63 a.C. será romana quanto ao comando político<sup>21</sup>.

---

<sup>16</sup> Para as referências a Esparta, cf. 1Mc 12:2,5,6,20,21;14:16,10,23;15:23. Sobre os romanos, 1Mc 1:10;7:1;8:17-32 (tratado de amizade dos Macabeus com Roma); 12:1,3,16;14:16,24;15:15. Sobre a incompreensão das instituições políticas romanas, cf. Momigliano, *Limites da helenização*. Op.cit. p.108.

<sup>17</sup> Hengel, op.cit. p.95 ss..

<sup>18</sup> Políbio. *História*. 26.10.

<sup>19</sup> Martin Goodman. *A classe dirigente da Judéia. As origens da revolta judaica contra Roma, 66-70 d.C.*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. P.214.

<sup>20</sup> 1Mc 2:70; 9:19; 13:25,30.

<sup>21</sup> Exceção feita, evidentemente, ao período 40-37 a.C., quando os partos controlaram a região. Este é o pano de fundo para a ascensão de Herodes. Cf. Michael Grant. *Herod the Great*. New York: American Heritage Press, 1971. P.44 ss.

O instrumental helenístico também pode se voltar contra os próprios dominadores: 2Mc é um exemplo notável de discussão historiográfica travada nos próprios termos gregos, voltando-se contra os valores da Hélade. Flávio Josefo, o mais popular dos judeus helenizados (já que a obra de Fílon é muito menos acessível), irá travar uma discussão das mais acirradas com diversos intelectuais gregos no *Contra Apião* - tentativa retoricamente bem-sucedida de provar racionalmente a excelência dos valores judaicos. O fato de Josefo iniciar sua defesa do judaísmo reprovando a má-vontade dos leitores que

*[...] supõem que não devemos prestar atenção à quaisquer outros senão aos gregos, quando investigamos os fatos mais antigos, e só podemos nos informar corretamente com eles, e não devemos acreditar em nós mesmos nem em outros homens; eu estou convencido de ser exatamente o oposto nesse caso'*

só faz reforçar a tese de que as relações entre gregos e judeus foram muito mais ambíguas do que permite crer o esquema que opõe o fundamentalismo judaico ao universalismo helenístico.

O ódio hebreu ao grego escoá-se por dois canais. Em primeiro lugar é a repulsa a valores diferentes dos seus; é o escândalo dos judeus que constroem o ginásio e abandonam a circuncisão<sup>22</sup>, é a recusa de utilizar azeite de procedência grega<sup>23</sup>, é a raiva pelo desprezo à vida humana e animal que gregos e romanos ostentam<sup>24</sup>. Jasão, além de corrupto, é especificamente acusado de forçar seus compatriotas a adotarem o estilo de vida grego (2Mc 4:10), levando os jovens ao ginásio e mais especificamente ao lançamento de disco e à luta (2Mc 4:12-14). Todavia, em 4Mc 6:10 o virtuoso Eleazar, que prefere ser torturado até a morte do que comer carne de porco, é comparado à um nobre atleta<sup>25</sup>; isso mostra bem a impossibilidade de se considerar monoliticamente o ódio ao grego, já que aqui é o modelo de heroísmo helênico que serve de termo de comparação ao martírio judaico, como é a historiografia grega que serve de modelo ao autor de 2Mc.

Mas há um outro filão, mais importante em longo prazo - o que atribui à Grécia o papel de império do mal, não importando aqui o comportamento cotidiano dos gregos. Toda a literatura apocalíptica está impregnada dessa idéia, que examinarei com mais detalhe em algumas passagens apocalípticas e proféticas particularmente importantes.

---

<sup>22</sup> 1Mc 1:15-17.

<sup>23</sup> Josefo. *Autobiografia*. 13.

<sup>24</sup> Haim Cohn. *O julgamento e a morte de Jesus*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. Pp.27-44.

<sup>25</sup> LXX gennaibj aḡl hthj .

Pretendo definir apenas alguns dos elementos mais importantes no conjunto de reflexões de Daniel contra os gregos.

“Javã” é um dos filhos de Jafé, filho de Noé, espalhados pelo mundo após o Dilúvio<sup>26</sup>; inicialmente o termo refere-se apenas à costa da Ásia Menor, estendendo-se com o tempo a toda a Grécia. É o nome pelo qual, ainda hoje, a Grécia é designada em hebraico (יָוָן). Em Dn 11:30 e 1Mc 1:1 fala-se de *kittim* como sinônimo de Grécia<sup>27</sup>.

Ironicamente, a estrutura teórica do mais influente e conhecido dos apocalipses (que é, todo ele, um libelo antigrego) apóia-se num mito bem conhecido dos próprios gregos - o das quatro idades do mundo.

Hesíodo, em *Os trabalhos e os dias*, expõe uma de várias versões para o mito, cuja estrutura básica é a seqüência de quatro idades sucessivas, cada qual mais degenerada que a anterior, e cada uma associada a um metal, na ordem ouro-prata-bronze-ferro. O mito era muito difundido em todo o Antigo Oriente Próximo, e admitia variantes: Hesíodo interpola uma “idade dos heróis” entre a de bronze e a de ferro, Daniel arremata a de ferro com uma mistura de barro, em Dn 2.

Em essência, o mito das quatro idades tal como trabalhado por Daniel serve-se de uma simbologia na qual quatro impérios se sucedem no domínio do mundo, cada um associado a um metal, e cada um mais degenerado que seu antecessor: assim o primeiro é a Babilônia, de ouro; o segundo, a Média, de prata, a Pérsia de bronze, por fim a Grécia de ferro. Essa seqüência se apresenta na forma de uma estátua que o rei babilônio Nabucodonosor vê em sonho, e que é destruída com uma pedra - a cabeça é de ouro, o peito de prata, os membros de bronze, as pernas de ferro e os pés, parte de ferro e parte de barro (alusão à fraqueza dos reinos dos Diádocos)<sup>28</sup>.

---

<sup>26</sup> Gn 10:2 ss; 1Cr 1:5; 7 (com a referência à Kittim como um dos filhos de Javã); Is 66:19; Ez 27:13.

<sup>27</sup> LXX Kitioi torna-se Ῥωμαῖοι, “romanos” na recensão teodociônica do AT.

<sup>28</sup> Para uma introdução clássica ao tema dos quatro impérios mundiais, cf. Harold H. Rowley. *Darius the Mede and the Four World Empires*. Cardiff: University of Wales Press Board, 1959. Estranhamente, na imagem da estátua os persas não gozam do prestígio que lhes é normalmente atribuído no AT, e perdem o posto de império mais nobre para os babilônios, que, ao contrário, são inimigos tradicionais de Iahweh. Há uma outra referência isolada desfavorável aos iranianos, em 1En 56:5, no qual os povos de Gog e Magog são identificados com habitantes do Irã – “Nesses dias [os últimos] se reunirão os anjos e se lançarão ao Oriente, onde estão os partos e medos, incitarão os reis, e entrará neles um espírito de revolta, os instigarão (a levantar-se) de seus tronos, e surgirão como leões de sua cova e como lobos famintos em meio ao seu rebanho [...] Mas a cidade de meus justos será um tropeço para seus cavalos: surgirá uma guerra interna [...] Nesses dias abrirá sua boca o *sheol* e se fundirão nele, e sua ruína não cessará: o *sheol* tragará os pecadores à vista dos eleitos”. A tradição reflete aqui tanto Ez 38:14-17 quanto Dn 10:13, com a diferença importante de que são anjos, e não Deus, quem impulsiona os reis de Gog e Magog (cf. Díez Macho, op.cit. vol.IV, p.78 n.5). De todo modo, a identificação parece mais retórica do que efetiva, já que são raríssimas, como já se viu, as referências desfavoráveis aos persas.

As alusões desfavoráveis à Grécia não param aí: no sonho de Nabucodonosor os membros *inferiores* da estátua representam a Grécia, e a eles corresponde o mais ordinário dos metais. Nesse episódio, Daniel é o intérprete; na outra passagem do livro em que se faz novamente menção desfavorável aos gregos (Dn 7), o próprio Daniel tem um sonho no qual quatro animais terríveis saem da água (símbolo do caos primordial), e o mais terrível dos quatro também representa o domínio helenístico.

A maldade grega, tal como se apresenta em Dn, não necessita de evidência empírica como nos livros dos Macabeus; entre estes e a apocalíptica nota-se um contraste entre a especulação sobre o sentido da história e uma produção mais propriamente historiográfica. Não há em Daniel quaisquer alusões aos hábitos dos gregos, seus teatros ou ginásios: o próprio termo “Grécia” só aparece três vezes em todo o texto (Dn 8:21;10:20;11:2); certamente o ódio aos gregos se apoiava em episódios bem concretos envolvendo o convívio com os judeus (Dn foi provavelmente redigido durante a Revolta dos Macabeus), mas não há no texto qualquer crítica direta ao modo de vida grego.

Já se disse que a revolta dos Macabeus pode ter sido muito mais uma guerra civil entre judeus tradicionalistas e helenizantes do que um confronto aberto com os selêucidas. A intriga palaciana é uma nota importante ao longo de todo o 1Mc; Jônatas e Simão são cortejados diplomaticamente, levando a crer que eram peças importantes no tabuleiro político do Oriente Próximo da época. Nem sempre permaneceram fiéis a seus senhores; a história dos três primeiros asmoneus tem por pano de fundo as querelas dinásticas selêucidas.

Antíoco V cede finalmente aos desígnios dos judeus em 164 a.C.; Demétrio I (filho de Seleuco) foge de Roma com a cumplicidade do historiador Políbio em 161, desembarca na Síria e mata Antíoco. Por sua vez, um suposto filho de Antíoco IV Epífanês, Alexandre Balas, passa a disputar o apoio dos judeus contra Demétrio I<sup>29</sup>; Jônatas, nomeado sumo sacerdote por Alexandre Balas, repele a oferta de Demétrio, que logo é derrotado. Jônatas, o representante do judaísmo contra as tendências helenizantes, recebe os títulos de *prwtwn fiļ wn* e *strathgoh kaii meridaŕxhn* das mãos de Alexandre (respectivamente, “amigo do rei”, estrategista e governador de província, altos graus de dignidade nas cortes helenísticas)<sup>30</sup>.

---

<sup>29</sup> 1Mc 10.

<sup>30</sup> 1Mc 10:51 ss., esp. 10:65.

Demétrio II, filho do anterior, por sua vez volta de Creta para reaver o território paterno de Alexandre Balas; após conflitos iniciais com Jônatas, também lhe concede diversas honrarias. Após 142 a.C., “ano primeiro de Simão”, o povo passou a referir-se a ele simultaneamente como “sumo sacerdote insigne, estrategista e chefe dos judeus” (1Mc 13:41-42). Antíoco VII, filho de Demétrio I, também renovará as gentilezas para com Simão Macabeu (1Mc 15).

Todos esses eventos levam a crer que não se pode pura e simplesmente opor judaísmo e helenismo, sem levar em conta todas as complexidades dessa relação – que aflorariam mais tarde no Novo Testamento, na literatura talmúdica e em toda a patrística.